

Intercâmbio epistolar — A partir do espólio de Alberto de Serpa

Com o seu importante e pioneiro estudo geral da epistolografia em Portugal, Andrée Crabbé Rocha deixava patente, em 1965, o interesse e a necessidade de desbravar, sistemática e pacientemente, os arquivos públicos ou particulares disponíveis (e, se possível, os indisponíveis) (!). Tratava-se de um apelo a vários níveis pertinente já que é pelos epistolários que poderemos ter acesso a mais uma perspectiva do fenómeno poliédrico que é a Literatura e isto, apesar de alguns insistirem em (des)qualificar este ponto de análise, considerando-o demasiado periférico. Contudo parece irrefutável que a Literatura engloba e não é imune (apesar de irredutível) às relações interpessoais, às contingências de ordem pragmática ligadas à vida dos próprios escritores ou daqueles que com eles convivem. Andrée Crabbé Rocha sintetizou assim as características gerais dos documentos que são as cartas:

“Temperamentais ou pensadas, transitórias ou eternas, pragmáticas ou idealistas, estas confissões ou observações abrem-se num leque que abrange todos os aspectos da vida, da arte, da crença, da acção.

Mesmo anedóticas e fragmentárias, valem todas em grau maior ou menor, por nos dizerem algo do eu que praticou ou defendeu as opiniões”⁽²⁾.

Ora, geralmente, o problema reside nas dificuldades que se encontram para consultar espólios epistolares, ou porque se perdem nos meandros poeirentos de Bibliotecas mais ou menos desorganizadas, ou porque permanecem fechados “a sete chaves” em domínios privados que, pelos mais variados motivos, se forjam a olhares alheios, ainda que sejam os de “inocentes” estudiosos.

Por estas e outras razões, é uma oportunidade única poder percorrer o espólio de manuscritos de um escritor contemporâneo — Alberto de Serpa — que para além de poeta pertencente a um dos grupos mais importantes do nosso século — a **Presença** — foi sempre um coleccionador amante de manuscritos. Torna-se ainda mais significativo podê-lo fazer numa Instituição Pública, neste caso a Biblioteca Municipal do Porto que, adquirindo todo o espólio em 1988, impediu que este se dispersasse pelas mais variadas e anónimas, ainda que de certeza interessadas mãos.

A curiosidade por este espólio, vindo de alguém que foi colaborador e secretário da **Presença** — uma revista e um grupo que manifestamente viveram ao ritmo da **Nouvelle Revue Française** — secretário ainda da **Revista de Portugal**, também ela fundada e dirigida pelo creditado francófilo

que foi Vitorino Nemésio, levou-nos a folhear o catálogo elaborado por Manuel Ferreira e a procurar nele quaisquer vestígios de relações epistolares com nomes estrangeiros, particularmente vindos da cultura francesa, já que o nosso propósito de investigação se insere numa perspectiva de literatura comparada.

Numa primeira análise, pareceria forçoso concluir que a nossa curiosidade fora lograda ou pouco rendosa, pois ressaltam dois únicos remetentes franceses: Charles Oulmont e o estimado lusitanista Pierre Hourcade. Do primeiro, fazem parte do espólio dois postais datados de 1943, em que Charles Oulmont pede alguns dos livros de poesia de Alberto de Serpa sobre os quais, segundo afirma, pretendia elaborar um estudo. Aproveita também para elogiar a tradução de José Marinho do “seu Bergson” que acabava de sair na colecção “Inquérito”, assim como sugere ao poeta de **A vida é o dia de hoje** uma adaptação em português de poemas em prosa que, entretanto, fizera sobre Portugal.

Quanto a Pierre Hourcade, a sua correspondência com Alberto de Serpa está marcada pelo difícil período por que passou aquele que foi durante bastantes anos o Director do **Institut Français au Portugal** mas que, na altura, se encontrava mobilizado em Marrocos. Por essas cartas, escritas no desespero “d’une tête vide et coeur déserté”, ficamos a saber que Alberto de Serpa terá sido um dos principais “responsáveis” pelo cultivo, à distância forçada, da paixão literária portuguesa de Pierre Hourcade, já que este aproveita para lhe agradecer os livros recebidos de Portugal. Alguns dos autores enviados e que irão por certo alimentar o universo de referências do fiel lusófilo: Sá-Carneiro, José Régio, Fernando Namora, João Campos e, claro, a **Presença** “nouvelle formule”.

Numa carta de 7/5/1942, Pierre Hourcade apresentava a Alberto de Serpa aquele que, para além de ter sido colaborador do **Bulletin des Études Portugaises**, foi o difusor decisivo da nossa poesia moderna em França ao traduzir, pela primeira vez, Fernando Pessoa. Referimo-nos, é claro, a Armand Guibert e destacamos uma passagem da supracitada carta:

“Le numéro de **Poésie** 42 consacré à la poésie portugaise du **Cancioneiro** a nos jours n’a pas encore paru et ne sortira que dans quelques mois. Il est préparé par un poète d’un très beau talent, Armand Guibert, qui a été le grand animateur des mouvements et des revues de poésie dans l’Afrique du Nord avant de devenir pour quelque temps notre collaborateur à l’Institut. Je pense mettre au point pendant les grandes vacances la traduction et la présentation et j’espère que nous pourrions paraître avant la fin de l’année. Bien entendu vous y aurez votre place (...)”

Um outro entusiasta de Fernando Pessoa foi Charles David Ley (*), correspondente ocasional de Alberto de Serpa (quando não em português, em língua francesa), e que anunciava numa carta de 21/4/1938 o propósito

de ser intermediário da poesia portuguesa junto de T. S. Eliot:

"Je crois que T. S. Eliot, le chef de nos poètes modernes en Angleterre, arrive aujourd'hui ou demain au Portugal. J'espère le rencontrer et tenter de l'intéresser un peu dans la poésie des personnes ici, surtout dans celle de Fernando Pessoa qui ressemble un peu à la sienne."

Por razões profissionais, Charles David Ley muda-se posteriormente para a capital espanhola e aí continuará o seu papel de divulgador da nossa Literatura, para além de proporcionar o contacto pessoal entre poetas e escritores espanhóis e portugueses. Por exemplo, depreendemos que se terá devido a ele o encontro de Gaspar Simões com Camilo José Cela, Rafael Montesinos, Salvador Perez Valiente e com aquele que Gaspar Simões tanto admirou e enalteceu: Pio Baroja.

Por último, e ainda que se trate de um destinador português, parecem-nos também interessante, no âmbito da nossa perspectiva, referir as cartas enviadas de Paris por Jaime Brasil e datadas entre 1943 e 1956. Trata-se de um jornalista-escritor que se os Anais da Literatura não referem, não será certamente por falta de obra entusiasmada e alargada sobre Literatura. Para além de tradutor de nomes consagrados da Literatura Francesa, escreveu também sobre alguns deles (constituindo portanto, um "corpus" de estudo de recepção) (5) e foi responsável, durante anos, pela orientação da página literária d'O Primeiro de Janeiro. Com este curriculum, parecem-nos de todo justo que Jaime Brasil integre o rol das vozes que foram construindo o nosso discurso cultural e, por conseguinte, as suas cartas poderão funcionar como um documento que nos informa sobre as condições em que vivia um correspondente em Paris, as teias de relações culturais que construía, os seus interesses, expectativas e/ou decepções.

Numa das cartas enviadas por Jaime Brasil podemos confirmar o interesse de Alberto de Serpa pela obra de António Nobre sobre o qual, de resto, viria a escrever *Vida, Poesia e Males de António Nobre* (Porto, 1948), confessando que encontrava entre si e o autor de *Só*, "um paralelismo de existência", "uma sombra fraterna e tutelar".

Na sequência das investigações que haveriam de conduzi-lo ao citado ensaio, Alberto de Serpa terá querido encontrar eventuais relações entre o *Só* e *Seul* de Hanancourt. Como tivesse pedido a Jaime Brasil que lhe encontrasse um exemplar de *Seul*, o então correspondente em Paris d'O Primeiro de Janeiro respondia em 4 de Outubro de 1948:

"... O mais importante para si é saber notícias do "Seul". Fiz todas as diligências, mas só o encontrei na Biblioteca Nacional. E ainda assim custou, porque não figura no Catálogo onomástico, onde o mais antigo livro de Hanancourt é o "Choix de Poésies", editado em 1922, por Fasquelle, no qual figuram algumas de "Seul".

Fique descansado que o "Seul" não se parece, no hábito externo,

com o "Só". É uma bisarma de 297 páginas, de capa amarela, tipográfica, editado pelo Charpentier. Foi feito nas Imprimeries Réunies, rue Mignon 2. Isto diz-lhe alguma coisa? Na capa e no frontespício tem esta frase: "C'est ici le roman d'un rêve". Depois um longo "Envoi" de 36 págs., prefácio-dedicatória em prosa, onde o homem explica por que perpetou aquilo. Vem a seguir a versalhada, dividida em três partes: L'Attente, l'Adoration, La Possession. Uma espécie de "Fonte" em versos de há cinquenta anos. Não os li, claro. Folheei apenas. Alguns pareceram-me bem. Influência de sugestão, pareceu-me encontrar temas "sosistas" como "Le Brouillard", "Dans un cercueil" e outras coisas funéreas. Se não o encontrar, lê-lo-ei mais de espaço para lhe dizer algo de preciso.

Para o encontrar à venda, corri Séca e Meca. Fui ao editor Fasquelle, herdeiro do fundo Charpentier. Disseram-me que estava em "réimpression"... , como se alguém tivesse coragem de reeditar versos do tempo dos carlovíngios. [...]"

Se cedemos à tentação de citar longamente Jaime Brasil foi para realçar a forma, digamos despachada, como assim fica resolvida aquela que poderia (ou poderá ser) uma questão de Literatura Comparada. Não estando em condições fundamentadas para corroborar ou contestar a opinião enviada por Jaime Brasil (7) limitamo-nos a mostrar como esta e tantas outras declarações impressivas e rápidas, vindas de leitores e/ou estudiosos mais ou menos responsáveis e detentores de um poder real e simbólico junto de congéneres, poderão afectar o rumo das investigações literárias, particularmente no campo da Literatura Comparada. Tais leituras e apreciações originam pressupostos e visões generalistas que condicionam a abordagem comparativa, criando, não raro, relações ou distanciamentos fictícios que só o tempo e a persistência dos que duvidam (metodicamente...) acabam por desmontar.

Jaime Brasil é ainda muito claro e directo no que diz respeito às dificuldades de ser jornalista-colaborador no estrangeiro: sem orientações e à margem das tertúlias literárias, sujeito a falar de obras ou autores franceses que não chegavam a Portugal e com iniciativas goradas devido ao que chamava "a acção da cortina de Ferro" (8).

Jornalista "dum país sem importância", pesava-lhe, em suma, a dificuldade de estabelecer contactos pessoais com aqueles que então faziam parte do nosso imaginário cultural "lato sensu". Leia-se o seguinte desabafo extraído da carta de 16/2/49:

"(...) eu, há quase cinco meses, que aguardo o prometido sinal para ir ver o Gide. Há quatro que espero que Lefèvre, das "Nouvelles Littéraires" me convoque, como me prometeu, para me meter "en rapport" com alguns escritores que desejo entrevistar. (...) Escrevi ao De Gaulle a pedir-lhe uma entrevista, mandou-me responder que tinha resolvido não dar entrevistas,

mas que os serviços de imprensa do Rassemblement estavam aptos a dar todas as informações que precisasse. Ora eu estou-me marimbando para o Secretariado da Propaganda dele. (...) Não facilita nada as coisas ser jornalista dum país sem importância.”

Ressalta das generalidades das cartas de Jaime Brasil uma imagem amarga, não alheia a circunstâncias de ordem privada, mas que não deixará por certo de ser pertinente para a recensão de uma imagologia nossa à volta de Paris, em pleno séc. XX.

Desiludido pela “podridão” daquela que era ainda a “menina dos olhos” e o alvo de quase todos os nossos interesses intelectuais, Jaime Brasil denuncia os oportunismos dos que fingem interessar-se por Portugal e pela sua Cultura. Refere o exemplo (mau) do Comité para as Homenagens, no caso em memória de Eça de Queiroz, Comité esse constituído “pelos professores, médicos e outros jarretas que são aí convidados pela Alta Cultura. Abanam a fingir que gostam muito de Portugal, a ver se apanham qualquer cavalato de Cristo ou Santiago, e se lhes cheirar que a lápide de Eça não tem a protecção oficial são capazes de não fazer nada” (carta de 31/12/1949).

Explica de uma forma igualmente directa e informal por que não concorda com algumas leituras que por cá se iam fazendo de autores franceses. O exemplo aludido na missiva de 28/12/1949 é polémico atendendo aos intervenientes: Sartre lido por João Gaspar Simões...

Apesar do seu manifesto interesse por eles ⁽⁹⁾ não poupa alguns nomes sagrados da Literatura Francesa como é o caso do Zola de **J’Accuse** que, de resto, traduziu graças à intercessão do escritor e seu amigo Ferreira de Castro, este, sim, já manifestamente integrado em alguns dos circuitos culturais parisienses ⁽¹⁰⁾:

«Vou mandar-lhe o monstrozinho do “J’Accuse”... do Zola, para a sua colecção de horrores”, acrescenta Jaime Brazil no “Post-Scriptum” da carta de 24/3/1950 onde também incentiva Alberto de Serpa a ir a Paris... **malgré tout**: “Isto é um sítio onde é preciso vir. Há aqui meia dúzia de coisas que vale a pena ver; o resto é “fantasia”». Desiludido sim, mas preso a esse “je ne sais quoi” parisiense que já o fizera declarar no final da carta de 30/10/1948:

“Cumpram-se os fados... lá irei deixar o cadáver ao Prado do Repouso, mas como D. Pedro IV, faço questão de me mandarem o coração para o atirarem ao Sena.”

Tal como adiantávamos no início, não é profícuo o espólio de Alberto de Serpa em termos de correspondentes franceses e talvez haja mesmo quem considere os exemplos focados como demasiado secundários... Contudo, para a escrita da nossa História de encontros e desencontros com a França, feita de teias de alusões e desilusões, distâncias e proximidades,

parece-nos necessário e justo partir não só de ausências conjecturadas como, e essencialmente, das presenças verificadas. Por isso aqui fica, para que conste.

Ana Paula Coutinho Mendes
Universidade do Porto

NOTAS

(1) Andrée Crabbé Rocha — *A Epistolografia em Portugal*, Coimbra, Almedina, 1965.

(2) *Op. cit.*, p. 420.

(3) Charles Oulmont refugiara-se em Portugal na sequência da queda de Paris em 1940, tendo colaborado no nosso País em jornais, revistas e na rádio. Da sua obra, de memórias e biografias, destaca-se o aludido estudo sobre **Bergson**, publicado em 1943; **João de Deus: L'Homme-Poète. sa vie et son oeuvre**, Edições Romeiro, 1948, **Voltaire na intimidade**, Editorial Gleba, 1944 (trad. Celestino Gomes) e a edição bilingue: **Lettres Portugaises de Soror Mariana — Essai de reconstitution du texte français par Charles Oulmont — Tentativa do texto Português por Afonso Lopes Vieira**, Lisboa, Bertrand, 1941 (imp).

(4) Charles David Ley, inglês, trabalhou no Instituto Britânico em Lisboa. Foi colaborador da **Seara Nova**, criou uma sociedade poética onde se chegou a representar Gil Vicente, de quem, de resto, David Ley foi um interessado tradutor. Da sua obra relacionada com Portugal, podemos destacar: **A Inglaterra e os escritores Portugueses**, Lisboa, Seara Nova, 1939; **Escritores e Paisagens de Portugal**, Lisboa, Seara Nova, 1942; **Braga: with two other English Poems and one Portuguese Poem**, Lisboa, 1943.

(5) Da bibliografia de Jaime Brasil cf., **Balzac: escorço da complexa Personalidade do Autor de A Comédia Humana**, Portugália, s/d; **Diderot e a sua época**, Editorial Inquérito (1940); **Victor Hugo**, 2 vol., Lisboa, Editorial Inquérito, 1940; **Vida e obra de Zola**, Livraria latina (1943); **A vida inquieta e gloriosa de Victor Hugo**, Portugália, 1965; **Zola, o escritor e a sua época**, Portugália, 1966.

Para além destas obras ensaísticas Jaime Brasil traduziu Aragon, Balzac, Romain Rolland e Zola.

(6) Encontra-se nos espólio de Alberto de Serpa um manuscrito de António Nobre. Trata-se de uma folha de apontamentos vários, datados de 1891 e que o poeta terá escrito quer no Canal da Mancha, a bordo do Cintra, quer já em Paris. Revela-se particularmente interessante o rascunho de auto-caracterização daquele que Adolfo Casais Monteiro considerou como autêntico poeta simbolista português: "Je crois encore à l'inspiration, au souffle divin: Je suis en poésie ce que le jeune Guillaume II est en politique." (Paris 1891)

Mais ainda, esta significativa (e quiçá certa) inversão do slogan francês a propósito dos portugueses, que o autor de *Só* tem o melancólico cuidado de sublinhar: **Les Portugais sont toujours tristes.**

(7) Registe-se, a propósito, que Urbano Tavares Rodrigues também não concorda com a aproximação entre *Só* e *Seul*. Assim "respondendo" a essa

aproximação feita por Amorim de Carvalho (in República 19/4/1968), o autor de **Ensaio de Escrever** sustenta que António Nobre terá bebido essencialmente dos ingredientes estilísticos, e da lição prosódica do Simbolismo. Cf. "Para o perfil de António Nobre — Consciência e infantilismo no poeta de Só", in *op. cit.*, Centelha, Coimbra, 1978.

(8) Esta alusão imagística a António Ferro deve-se, em particular, ao "Affaire Amadeo Cardoso" que Jaime Brasil relata a Alberto de Serpa: a esposa do nosso importante pintor modernista teria prometido a Jaime Brasil a publicação do Álbum do marido, porém depois decidiu entregar o assunto a António Ferro. Daí este desabafo da frustração: "Por toda a parte para onde nos voltamos encontramos essa cortina de Ferro que mesmo indirecta e inconscientemente tapa todas as saídas" (carta de 26/12/1948).

(9) Cf. supra nota 5.

(10) Recorde-se que algumas das principais obras de Ferreira de Castro já tinham sido traduzidas para francês, nomeadamente **A Selva** por Blaise Cendrars. Além do mais, à época da citada carta de Jaime Brasil, Ferreira de Castro fora recentemente alvo de homenagens, por exemplo na "Société des Gens de Lettres de Paris" e no "Pen Club de Paris", o que lhe permitia mover-se com um relativo à-vontade no mundo literário-editorial francês.